

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa**Anibal Cruz**
Beco dos Clérigos, 5 A

Correspondentes em Aveiro, Pova, Paço, Vilariño, Mataducos, Taboeira, Es-gueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira
necessidade do Homem.
Danton**ASSINATURA**

Ano, série de 50 números	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00
Cotónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de todas as terras da sua região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—**QUINTÃ DO LOUREIRO**
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

A Batalha de Aljubarrota

CELEMORASE na segunda-feira em todo o país esta data histórica, uma das mais vibrantes e luminosas da nossa nacionalidade. Como grande parte dos acontecimentos que a assinalam e patenteiam ao mundo como exemplo inapagável da fé nos destinos de um povo, se desenvolveram, criaram vulto e volume na provincia do Alentejo, não surpreende que D. João I, Mestre de Avis; Mem Rodrigues de Vasconcelos, valorosíssimo capitão da Ala dos Namorados; D. Nuno Alvares Pereira, fôssem, todos eles, alentejanos.

Foi além, nêsse Alentejo lendário, mártir e heroi de sacrificios pátrios, na formosa e ridente Vila do Crato, ao tempo séde da «Ordem de Malta», de que o pai de D. Nuno Alvares Pereira, D. Alvaro Gonçalves Pereira era grão prior, que o futuro Condestável do reino iniciou seus passos decididos e firmes na vida, e com alevantada dignidade de um sentimento estoico recebeu o batismo de armas. Exaltar, pois, essa figura nobilíssima de guerreiro e sauto, na passagem do 553.º aniversário da memorável e decisiva batalha que nos anais da história se designa por Aljubarrota, é dever de todo o português, que como tal sinta pulsar um coração dentro do peito.

Nuno Alvares, imagem simbólica do mais puro português, é hoje, será sempre, o exemplo vivo do amor à Pátria, a grandeza da alma dessa balada enternecida, imorredora, que os ventos eternos acariciam nos rendilhados graníticos do Mosteiro da Batalha...

Evocar o seu nome, todo o seu ser, é evocar um mixto de ternura e encanto, é tecer um hino de glória às excelsas e invulgares virtudes do bravo, do indomável português.

Nuno Alvares, o primeiro génio do seu tempo; possuidor de uma vontade rija, inquebrável, fluxó de nobres sentimentos de atilado paladino defensor do torrão natal, bem merecia desde o bérço nos fôsse estímulo, que o seu canto fôsse o hino escolhido das nossas mãis!

Bondoso de alma, indomável na bravura, aliava a um coração magnânimo a rudeza áspera do primeiro batalhador da idade média.

Por bem, fechava-se na mão, domava-o uma criança; por mal, defrontavam-no violento, impetuoso, no campo da honra. Um simples melindre à sua dignidade nobiliárquica, ou à Pátria na qual se cria substanciado, defron-

tava-o com o mais rude encontro, repelia-o com o maior desassombro.

Fc-lo em Badajoz, a quando da cerimónia do casamento da princesa D. Beatris com D. João I de Castela; fa-lo-ia mil vezes, se ousados atrevidos o provocassem. Um murro formidável na mesa onde por esquecimento, ou de má fé, lhe não reservaram lugar, estilhaçou baixelas e cristais raros, enquanto nobres comensais, o próprio rei, soberbo e altivo, se quedavam apatetados, estúpidos, ao medirem o rasgo audacioso.

A afronta era de espantar até as estrelas; o atrevimento de molde a exigir rápida e inérgica reparação, mas ninguém lha pediu, ninguém com êle ousou cruzar a sua espada.

Amigo intimo do Mestre de Avis, leal e sincero companheiro do que viria a ser o rei do povo, surpreendeu-o no Alentejo a morte do volúvel D. Fernando, e mais ainda a desvergonha, a imprudência, de Leonor Teles, em assumir a regência da Nação. Ela, a Lucrecia Borgia portuguesa, que invocando ilegalmente o nome do rei, ordenava, em alvará, ao alcaide-mór de Evora, Vasco Martins de Melo, que degolasse o Mestre de Avis e a Gonçalo Vazques de Azevedo!

E servi-la êle, a amante descarada e pública do Conde Andeiro; alentor com a sua adesão os desvaios perversos, sanguinolentos da que contribuiu para o assassino da própria irmã?

Oh não!... Mil vezes não!... O seu passado cavalheiresco, os vinte e dois anos de imaculada pureza, não lhe consentiam tamanho aviltamento, tão revoltante baixêsa.

De resto, não era adulando, ou servindo, tai mulher, que servia a causa portuguesa. Inúmeras e desoladoras desgraças o futuro nos reservava.

E não se enganou. Morto Andeiro, o ódio rancoroso, latejante, da concubina, momentaneamente solapado, recruscedeu de ferocidade, aumentou extraordinariamente de proporções, e de Alemquer, onde se acolhe foragida, maldiz os portugueses, deseja ver Lisboa arrazada e as suas mulheres sem a língua E, louca, desvairada, sequiosa de vingança, sem noção de Pátria, sem um vislumbre de dignidade, vende-se, vendendo o povo, e pede ao rei de Castela que venha tomar conta do reino.

Tal como Tarpeia, entregando Roma aos Sabinos, semeou a discórdia no país, envenenou consciências, mas pagou caro a traição às mãos do próprio genro.

Entretanto dava-se a inevitável invasão, e a terra portuguesa sofria os horrores da guerra, da fome e da peste, complicadas com uma das suas maiores crises; sem exército, sem dinheiro, o trono vasio, a nobresa um corrilho de intrigas acionado por uma devassa.

Lisboa estava cercada havia meses; davam-se escaramuças diárias com intermitências de vitórias e derrotas, valendo-nos desta vez o flagelo da peste, que entrando de dizeram as fileiras inimigas, as obrigou ao levantamento do creco.

Ficava-se em parte em alívios; mas a miséria, as doenças, desanimavam já os mais crentes na reacção, entravam de desmoralizar os próprios dirigentes, e Portugal teria sossobrado, desfeito o último lampejo de Nação independente, se não fôra o braço forte, varonil de Nuno Alvares. E' êle que, no meio do criminoso descabro, reagindo contra a descrença e aniquilamento, animando a defrontar o inimigo, ultrapassa o previsto pelo Mestre, já então nomeado defensor do reino, e vence com gallardia, os castelhanos, em encontros desiguais, o que muitos teriam por louca temeridade.

Animado pela traição de uns e dúvidas e escrúpulos de outros, lógico era que o inimigo não descansasse na consumação das suas aspirações, esperando apenas pela estiagem para nos acometer a fundo, o que fez.

Passava-se isto em fins de Março de 1385, ano e meio após a morte do último rei.

Nuno Alvares estava em Evora quando lhe chegaram noticias alarmantes de haverem tropas castelhanas passado novamente a raia, em acêsa e devastadora fúria. Desta vez é que não ficaria de pé pedra sobre pedra, nem português que não fôsse marcado a fôgo.

Como ao atrevimento se deve ripostar com audácia, o futuro Condestável não se fez rogado. Chama os seus alentejanos, arma-os o melhor que pode, e com os favores da população, rompendo charnecas virgens, atravessando ribeiras caudalosas, enfrentando precipícios e obstáculos inumeráveis, amanhece à vista da Vila de Fronteira, intrépido e resoluto como sempre.

No povo, porém, fôra já dado o grito de «salve-se quem puder». As estradas de Avis, Benavilla e Ponte de Sôr, vão de lés a lés de fugitivos; clama-se a misericórdia divina.

Nuno Alvares olha com asombro essa debandada, estre-mece compungido na sua pureza

de alma enternecida, e mais promete a si erguer-se em derradeiro esforço para que espectáculo desta natureza desapareça da terra mã, e que a estranhos se faça compreender que Portugal tem o direito de escolher e eger para a direcção dos seus destinos, quem muito bem entenda e queira.

Na vila, sabe que as avançadas castelhanas demoram já àquém de Assumar e ramificam por Alter e Monforte. Pela tarde, levanta a sua tenda com rumo à próxima povoação de Atoleiros, onde acampa. Curto foi, porém, o estacionamento. O inimigo, julgando-se senhor em casa alheia, mais movido pela pilhagem do que curando da boa tática, avança despreocupadamente, apenas confiado na sua fôrça. Na manhã de 6 de Abril está à vista de Atoleiros. Nuno Alvares dispões apenas de um reduzido número de cavalos e algumas centenas de peões. Defrontam-se corpo a corpo, finalmente. Os castelhanos, que mal repararam nos portugueses, e não medem, porque o não consente a sua soberba, a extensão do perigo, quasi de igual modo não têm tempo para se aperceberem de como, de repente, se vêem envolvidos, rôtas as suas hostes e desbaratadas. A marcha, quasi forçada, com que se estenderam Alentejo abaixo, redobram-na agora, caminho da raia, deixando no campo, além de mortos e feridos, não só o fruto da pilhagem, como a própria pele.

De uma necessidade imperiosa, resulta o ser posto em prática um sistema de guerra até aí desprezado por deshonroso aos brios cavalheirescos da fidalguia de então.

Como a nossa se passara para Castela com armas e bagagens, Nuno Alvares dispunha apenas do povo, e é com o povo, em virtude da lição colhida, que conta fazer frente à onda invasora. Forma assim um exército de homens a pé, ensinando-os a quadrar.

A invasão era nova, por ventura eriçada de lances arrepiantes, mas provara em Atoleiros resultados compensadores dêsse sacrificios. Consistia em formar quadrado, joelho em terra, ponta de lança no chão e esperar que a cavalaria inimiga se viesse ali despedaçar.

E veio, finalmente. O dia 14 de Agosto foi o desfecho da grande tragédia, teve a arte de pôr de remissa a cavalaria feudal!

Na véspera, Nuno Alvares hasteou a sua bandeira de guerra justamente no ponto onde se er-

gue a capela de Santa Maria e S. Jorge.

No acampamento pouco se dormiu. As ordens e últimas providências eram levadas ao conhecimento de todos sem se esquecer a menor particularidade. Lelhadores hábeis e possantes destroçavam carvalhos e azinheiras, enquanto outros aguçavam ramos ou corriam a transportá-los para ponto determinado.

Quando, pela manhã, o sol, ête lindo e cintilante sol de Portugal rompeu de manso, encantador, no horisonte, e beijou, sorridente e caricioso, a face tismada dos nossos, como que a alentá-los na confiança da vitória, iluminou uma compacta e resistente sébe de estacaria, tendo ao centro um corredor estreito guarnecido interiormente por alabardeiros e bêsteiros de pé. Ficava assim armado o laço com o isco tentador de todas as ambições de um inimigo incauto e sem escrúpulos. Em volta verdejavam vinhas pujantes, vergadas ao peso dos cachos maduros. Não bulia bafo de vento nas urzes, nem se enxergava rasto de núvens a empanar o dia.

Ao meio dia em ponto, com o sol a tascar chispas de fôgo, dividiu-se na colina fronteira o primeiro pendão das hostes castelhanas. Seguidamente outro, e tantos outros que em poucos minutos o cume da colina, enorme, formidável, mais parecia uma floresta flutuante de lanças e bandeiras.

Então o quadro apresentou-se soberbamente grandioso! Do nosso lado apenas dois mil cavaleiros, oito centos bêsteiros e seis mil peões, mal armados, poucos mas dispostos a vender cara a vida na defesa da Pátria; do lado castelhano vinte mil cavaleiros, entre êles gascôes franceses, e quasi dez mil peões, bem armados, e, pela primeira vez, peças de artilharia.

Os nossos, meio ocultos nas sébes, curvados por detraz de arbustos, esperavam, serenos, o embate. Nuno Alvares esporeando e detendo o ginete para o excitar, gritava:

—Soldados!... Companheiros e amigos!... Não vos admeis do número três vezes maior. Essa diferença enorme quasi espantosa, será suprimida pela vantagem de estarmos em nossa casa. Vós estais dentro do que é vosso, pisais o chão com firmes; êles vacilam, vêm às palradelas. O que ê em vêsdes de lanças e elmos a brilhar ao sol como um fecho de ferro, é a estrela que nos guiará à vitória.

Em nós reina a vontade firme, de defender; além está indecisa a

(Conclui na 2.ª página).

A Batalha de Aljubarrota

(Conclusão da 1.^a página).

maneira da atacar. Eles vêm na mira de colher louros para seus títulos; nós estamos aqui para defender a terra sagrada da Pátria.

Aqui defendemos uma causa santa, reside em nós a fé, o amor aos nossos; acolá estão os seus, sem lei nem lei, de mistura com renegados, predominando em todos a atenção do demo.

São muitos? Tanto pior para eles! Maior vergonha juntar-se à sua derrota. Somos poucos? Tanto melhor para nós, mais, universal e retumbante será a nossa vitória! E pé firme, pois, e em nome do Altíssimo, pela Pátria e pelo rei, daremos ao mundo brado e renome nunca até hoje ouvido...

Entretanto os inimigos não se decidiram ainda sobre a maneira de atacar. Interessa-vos mais a divisão e partilha de Portugal, que contavam por certa, sendo a mais incerta. Optava um porque se esperasse a nossa arremetida, clamavam outros, estes em maior número, que lhes não permitiam seus brios e títulos o deterem seus ímpetus na frente de menos de um terço de recrutas mal apetrechados e ainda tidos e havidos por indignos chamorros. Prevaleceu esta última tese. Muitos dos irrequeitos fidalgos, com eles o Mestre de Calatrava, esgrimiam já as suas espadas, cravejadas de pedras preciosas, profetizando-as a que só de um fio cortariam cem cabeças de portugueses!

Aplaudida por todos, a fanfarrona dada dos menos conscientes...

...Deu sinal a trombeta Castelhana; Horrendo, fero, ingente e tenebroso...

E as mães, que o som terrível escutaram, Aos peitos os filhinhos apertaram.

(«Lusitadas»—Camões)

Presenciou-se, então, espectáculo nunca visto! Qual raio chamejante desprendido das nuvens a fulminar a terra num troar medonho, assim a cavalaria castelhana se despe da colina, emburde e se quebra e revela e grita ululante de selvagem áncia, feroz de tudo destruir!

Do nosso lado, grita-se «por S. Jorge»; do deles, «por Santiago!» Na frente vem os renegados portugueses, que são os primeiros a baquear em roncões só ouvidos no inferno. Os montantes, as espadas, os buihões, faiscam; centelhas que se cruzam na ira da tormenta.

Tiros, setas, virotes, cortam o espaço em tôdas as direcções. O canhão trôa pela primeira vez em terras luzas. Despedaçam-se armaduras, rasgam-se bacinetes, rompe-se arneses, embatem-se corpos contra corpos, quais pesadas tôrres gigantes!

O momento é de suprema aflição. Agora são os nossos que, enrodilhados, impelidos por pesadas massas contrárias, se vergam e cedem terreno, palmo a palmo. Não os move o desânimo; é a força bruta trez vezes superior.

Abrem clareira na Ala dos Namorados. Nuno Alvares, o gigante da batalha, cercado de lanças que apertam e esganam muitos dos seus, não se enxergaria se não fôra o monte de cadáveres que o eleva da terra!... No inimigo canta-se já vitória, recresce a áncia da partilha, blasona-se e apregoa-se os feitos de cada um, não faltando mais retumbantes os dos que nada fizeram.

Toma-os de supresa D. João I, que apressado vem em auxílio do Condestável, onde a luta lava acêsa. Grita-se novamente «por S. Jorge» e emudece o «por Santiago», cujo mestre jaz ali moribundo. Acende-se nos nossos a chama da ira que abasa, e nos

castelhanos fenecem os derradeiros fumos de um lume extinto...

A debandada é já manifesta. Os que ainda ficam com as armas na mão, atônitos, apavorados, deixam-nas cair e quasi estendem o pescôço à morte, sem resistência...

O rei salva-se em fuga, desabrida, caminho de Santarém, e dali, nessa mesma noite, para Sevilha, corroído pela vergonha, levando, nas lágrimas o luto, no coração o remorso!... No chão de Aljubarrota ficavam-lhe milhares de vidas.

E tudo isto chega a parecer um sonho, não só aos vencidos como aos vitoriosos. Em menos de duas horas, a terra portuguesa bebera o melhor sangue de Castela, e o povo, este minúsculo povo, só grande nos grandes feitos, unido pelos laços indissolúveis do patriotismo, guiado pelo mestre e pelo Condestável firmava, para sempre, a independência de Portugal, gritando bem alto: —VIVA PORTUGAL LIVRE!

P. V. Vilas Boas

Têmas da actualidade

A Fecundidade

Noticiaram há dias os jornais que, em Seda, do Concelho de Alter do Chão, a sr.^a Rosa Martins Carreiras, que apenas 23 anos de idade e é casada à 6 anos, efectuou o registo de nascimento do seu sétimo filho, por sinal um robusto rapaz.

Agora, mais recentemente, veio também a público na Imprensa outro caso de fecundidade—e também numa terra alentejana—que uma mulher de 48 anos de idade e casada há 25 anos, teve a (infelicidade?) de ter 15 filhos em tam pouco espaço de tempo! Olhando áquelas idades para efeitos de procriação, estamos certos de que não ficam por aqui estes tam singulares casais.

Casos destes são bem dignos de consideração e auxílio dos poderes públicos, atendendo à situação destas numerosíssimas famílias, tanto mais quanto é certo, serem geralmente pobres os casais que as têm de sustentar e criar, e já não dizemos instruir, porque era exigir muito para quem tem tam poucos ou nenhuns recursos.

A êsse proposito disse assim o «Diário de Lisboa»: A aldeia de Seda prepara-se para o título inglorio de benemerita. Não nos informa o nosso correspondente se os pais são pobres. Mas tudo leva a crer que o sejam, ou que, pelo menos, se preparam para o ser. Assim é, de facto.

Ora, como em vários países como a França, Itália e Alemanha, concedem prémios pecuniários aos casais que mais filhos oferecem ao país natal, afigura-se-nos, portanto, que é de inteira justiça, que em Portugal se fizesse o mesmo a essas famílias numerosas, que, além do sentido altruista, teria um significado altamente

Expedição a Moçambique de 1916

RECORDAÇÕES DE UM EXPEDICIONÁRIO

(excerpto)

Em presença do resultado deste inquérito foi feita, ao lado, a seguinte proposta: «Em virtude de, por unanimidade, ser desfavorável ao tenente Alfredo de Sousa Birne o inquérito feito ácerca de êle ter ou não passado a «linha» do Equador, pergunta-se se este official deve ou não ser baptisado na «tina» de água salgada.

Roga-se escrevam nesta folha as suas respostas.

Sim Não

(Cheio de assinaturas)

(Duas ou três assinaturas e a seguinte proposta: «Propor-nho até que o réu venha nú do camarote para cima»).

Como esta, outras folhas foram afixadas, de teor congênere e não revestindo menos graça.

O 2.^o tenente do acusado Alfredo Birne, que faleceu há anos na Guiné, já no pôsto de capitão-tenente, foi meu companheiro de viagem para Macau, em 1904. A razão dos inquéritos acima transcritos provém do facto do pôrto de Singapura ser, dos da escola dessa viagem, o mais próximo da linha equatorial, a qual passa ligeiramente ao sul da península de Malaca que a navegação para o Oriente tem de dobrar.

Além do programa indicado, foi elaborado e impresso na tipografia de bordo, outro mais circunstanciado, o qual não invalidando o primeiro, passou no entanto a ser o definitivo.

Êste programa nomeia uma comissão, honorária, composta de 6 officiaes superiores e o comandante do navio, sob a presidencia do general Oil; outra comissão, executiva, de 3 officiaes do exército e 3 officiaes de bordo, presidida pelo major Cunha; um júri de corridas; um juiz de partida e outro de chegada. Depois diz:

«A» passagem do Equador, e por determinação de Sua Magestade El-rei Neptuno, realizar-se-ão as seguintes festas:»

Dia 13

Saráu

1.^o Sinfonia pela orquestra de bordo—«Revolta 5 de Outubro».

2.^o «As cartolinhas»—apresentação do célebre orfeon «Filhos de Marte», aplaudido nos primeiros Circos e Teatros Liricos do Mundo, sob a regência da distinta mezzo-soprano, Mil.^{l.} Coelho (tenente Coelho).

3.^o Conferência por um distinto bicho do mar sobre o tema de «Escacha o Pecegueiro».

4.^o Cançonetas francezas pela gentil estrêla da Ursa Maior, Mil.^{l.} Lapine (Coelha).

5.^o Concurso de belezas masculinas e femininas e proclamação dos respectivos Soberanos, que serão devidamente saúdados.

6.^o Baile «masquên», entremeado de batuque e danças gentílicas por um autêntico selvagem (alferes Carlos Selvagem), terminando por uma quadrilha militar m 1916 (completa).

7.^o Rancho geral melhorado. Pede-se aos convidados para não estenderem muito a manueira.

Os festejos de hoje decorreram muito alegres. Algumas damas pareciam, como disse, autênticas damas, com todos os contornos.

(Continú.).

patriótico, e, muito principalmente, nos tempos que decorrem tam cheios de reflexões.

Haves

Cacharolete

Por dito e repetido a cada instante tornou-se vulgaridade em Esgueira o dizer-se que esta frêguesia está completa e parece que irremediavelmente abandonada. O Bacorinho Lopes já nem o lamenta: refere-se ao caso com a mesma sem paixão com que fala da chuva e do bom tempo e do guarda-sol que tem em casa preciso de varetas novas.

Não sabemos se nas restantes frêguesias do concelho o panorama é idêntico. Se tal é, mal vai, dado que em Esgueira vai mal, se é que não vai de mal a peor.

Importa opôr um dique nesta frêguesia ao descalabro; para isso se traz à letra de forma o caso... bicudo. Pode ser que tudo seja apenas questão de comodismo que bem *afineta* sacuda brios modorrentos. Com tal fito e de espaço iremos abordando neste local algumas das razões de mais lamentação.

Conven, frizar que não pretendemos atingir pessoas definidas. Apontamos e comentamos os factos na esperança de que se lhe dê o remédio que a boa razão exige, sem nos interessar saber quem são e onde estão os culpados da incúria vista.

Vejamos, pois.

As ruas de Esgueira encontram-se tôdas mais ou menos em mau estado. Não sejam porém exigentes e falemos apenas da que devendo ser a melhor pelo movimento intenso que tem, é a mais abandonada, a peor de tôdas: referimo-nos à estrada que dá acesso ao Esteiro. Deve datar de eras longinhas o último consêrto que teve, tal a ruina em que se encontra: de verão, areal sem fim a exigir triplicado esforço do gado atrelado aos carros carregados de adobos que diáriamente por ali passam em grande número; de inverno, lamaçal profundo a ameaçar subverter os infelizes lidando por lá em aventura forçada, que mal dizem da vida e dos culposos da *gracinha*.

Quando a Junta Autónoma encetou as obras daquêle Esteiro, obras que o tornaram mais navegável, permitindo uma maior facilidade no embarque dos adobos que ali se faz em grande escala (e motivo primordial, é bom dizê-lo, dessas mesmas obras), sabemos haver sido prometido o seu arrajo, certo o próprio consêrto do Esteiro muito naturalmente assim o impôr. Esperou a Junta Autónoma e tôda a gente, depois que findaram os trabalhos, pelo arranjo prometido, sem o qual, aliás, a coisa ficava assim a modos que um burro de albarda nova... mas sem ferraduras.

Que se viu e continua a vêr, porem? Viu-se... por um óculo o arranjo prometido, vêr-se a estrada cada vez peor, ver-se-á em breve, talvez, o Esteiro isolado, e, caso grave neste conjugar do verbo vêr, vê-se que o facto do concêrto da estrada não ter sido levado a efeito em tempo competente

TRIBUNA DOS NOYOS

Paisagens da Nossa Terra

... Avistamos ao longe, por entre a ramagem deslumbrante e verde escuro do arvoredor, as casas dissimadas nas colinas, o Jaime encantado com o que vira, embora de longe, disse:

—Como é bela aquela paisagem que se desenrola deante de nossos olhos, que encanta e delicia o meu espirito!

—Oh! meu amigo, não fales, e medita naquilo que te orgulha ser português!

E continuámos andando silenciosamente, até que, a certa altura, Jaime não podendo conter a alegria e felicidade que lhe inundava o coração, diz:

—Eu não sabia que o meu querido Portugal era tão lindo!...

Que é aquilo que além avistamos?

—E' um tunel de verdura que a Natureza ali colocou; e está ali, como que a abençoar os admiradores da Rainha do Vouga!... Não vês ali uma coisa que brilha como prata?

—Vejo sim, o que é?

—E' o saudável Vouga que corre chorando por ter deixado a sua Rainha; é o saudável Vouga que corre, sem ninguem que o afague na tristeza dum amor perdido. Mas deixá-lo ir, vai fazer de Aveiro a Veneza Lusitana.

—Oh! que linda é esta curva do rio Vouga! Como são lindas as suas margens embelezadas de salgueiros e verdura!

E continuámos a andar entrando na estrada da Cambeia, que devia levar-nos à risonha Angeja. Já perto das primeiras casas, brancas como a neve, tornamo-nos a encontrar com o Vouga, Jaime diz então:

—Este é ainda o mesmo rio que lá em baixo admirámos?

—E', sim.

—Oh! isto é admirável; eu nunca vi em Portugal, e já tenho viajado muito, paisagem que me emocionasse tanto, como esta na qual, a vista se enche de felicidade e o coração de amor pela Pátria querida.

Depois de termos visitado os lugares mais lindos e mais poéticos de Angeja, Jaime foi obrigado a exclamar:

—Angeja, no seu trono de colinas, atapetado de verdura, ficará para sempre gravada no mais íntimos do meu coração, pois foi aqui que eu aumentei duplamente o meu amor para com a Pátria de Santos e de Herois, o nosso querido Portugal!

Luiz do Vouga.

foi causa—isto nos diz pessoa autorizada—do derrube que se deu na placa de cimento do lado Nascente, ameaçando, a manter-se o motivo, tornar mais extenso o desastre.

Ora tudo isto revela, a fóra o resto, ter-se em pouca monta o dinheiro ali gasto pela Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

Voltaremos à vaca fria.

Mr. Step.

Pelo concelho de Gois

A MINHA ALDEIA

Dedicado à minha boa irmã
Maria Alice, com um
grande abraço.

Que bom é todos os dias,
Respirar o ar da serra
E ouvir «Avé-Marias»
Nos sinos da nossa terra.

Sair de manhãzinha
Das ridentes moradias
E beijar nossa mãezinha
Que bom é todos os dias.

Ir passear pelos campos
Onde a beleza encerra
Saúde cheia d'encantos
Respirando o ar da serra.

Saudando as raparigas
A chegar de dar os dias,
Terminam suas cantigas
Ao ouvir «Avé-Marias».

É altar da Natureza
O panorama da serra;
Ao ouvir, temos tristeza,
Nos sinos da nossa terra.

João Antão Barata

MERENDA REGIONAL

Em Lisboa, conforme noticiamos, realizou-se no passado domingo, na Quinta de Santo António, à Estrada de Bemfica, a Merenda Regional organizada pela prestigiosa Comissão de Melhoramentos de Amioso Fundeiro (Alvares), a qual decorreu cheia de alegria e movimento, características tão próprias da linda e tradicional região de Gois.

A partida para a Quinta de Santo António fez-se em carros eléctricos da Praça dos Restauradores, pelas 8 horas, e no local da Merenda efectuar-se diversos números de divertimentos, tais como: luta de tracção à corda entre solteiros e casados, ganhando estes o prémio; corrida de enfiar a agulha, ganha pelo sr. João Nunes e esposa; corrida de sacos, cujo prémio coube ao sr. Marcolino Nascimento, e outras que foram galhardamente disputadas por senhoras.

Acompanhou a «carava» a distinta troupe musical «Rumba Orquestra», dirigida pelo nosso amigo sr. Sebastião Marques, que durante o trajecto e no local da festa, executou interessantes números do seu vasto repertório que bastante agradou, dançando-se animadamente.

Recorda-nos ter visto, entre outros, nesta interessante festa os srs.: João Antão Rosa e família, Silverio Antão e esposa, Manuel Antão Barata, Eugénio Nunes, Domingos Tomiaz da Guia e família, António Antunes (Grandela) e família, José Pereira e esposa, Alvaro Simões, Joaquim dos Santos Russo e família, João do Nascimento, Manuel do Sacramento Tomé, Manuel Henriques Flôr, Manuel do Nascimento, Manuel Henriques, Marcelino Nascimento, José Baeta, João Antão Barata, Adelino Antunes, Manuel Simões Dias e família, Manuel Henriques Varandas, Manuel Ventura, João Nunes e esposa, etc.

Felicitemos a briosa direcção que mais uma vez proporcionou aos seus associados

Carteira Elegante

ANOS

Passa hoje o aniversário natalício da sr.^a Luiza Nunes da Silva Castro, dedicada esposa do nosso amigo e assinante sr. António da Silva Castro, industrial de padaria em Setubal.

—Também amanhã, 14, passa o aniversário natalício da sr.^a D. Maria da Conceição Rocha, estremosa esposa do nosso amigo sr. Francisco Rocha, de Lisboa.

—No dia 15 do corrente faz anos o sr. Anselmo Fernandes Barata, filho do nosso prezado amigo sr. Joaquim Barata, digno agente da P. S. P. de Lisboa, e de sua bondosa esposa sr.^a D. Maria José Barata.

—Também no dia 15 passa o aniversário natalício da sr.^a D. Raquel da Costa Silva, prezada esposa do sr. Manuel Maria da Silva, comerciante em Caneças.

—Neste mesmo dia faz anos o nosso assinante sr. António Augusto dos Santos, empregado na panificação de Almorues (Sabugo).

—Ainda em 15 faz anos a sr.^a Maria de Figueiredo Santos, esposa do sr. Figueiredo Santos, emprezado na panificação de Condeixa.

—Também neste dia 15, faz anos o nosso assinante sr. Manuel Rodrigues da Cunha, empregado na panificação de V. F. de Xira.

—Ainda neste dia 15, faz 21 anos o nosso assinante sr. David da Silva Simões, empregado na panificação de Espinho.

—Em 16 faz anos o nosso assinante sr. Manuel Marques Guimarães, de Taboira e residente em Lisboa.

—No dia 17 completa 14 rissonhas primaveras a menina Maria José Ferreira Damião, filha do nosso Director e de sua esposa sr.^a Maria da Conceição Ferreira Damião.

—Em 18 completa 13 anos o menino Carlos Veríssimo Nogueira, filho do nosso amigo sr. António Nogueira da Silva e de sua esposa sr.^a D. Francelina Veríssimo Nogueira, industriais no Estoril.

—Também neste dia 18 faz anos o nosso assinante sr. Joaquim Rodrigues Branco, de Cacia e empregado na panificação de Lisboa.

—No passado dia 27 de Julho completou 12 rissonhas primaveras a simpática menina Maria Alice Dias de Sousa, filha do nosso amigo sr. Manuel Nunes de Sousa e de sua esposa sr.^a Maria da Luz Dias de Sousa, proprietários de padaria em Setubal.

As nossas felicitações a todos, com os votos de muitas prosperidades.

ESTADAS

Vindo do Barreiro, onde é empregado na panificação está em Angeja a passar algumas semanas na companhia de sua família o nosso amigo e assinante sr. Atalibio Ribeiro da Fonseca.

—Em S. Marcos (Albergaria-a-Velha), também está vindo de Lisboa, onde é empregado na Padaria Independente da rua de Santo Amaro, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Dias Vidal.

—Está em Sarrazola a passar e famílias um dia de franca e saúdavel confraternização.

Encontra-se em Lisboa a tratar-se de doença que ultimamente a affligia a mãe do nosso amigo e assinante sr. João Antão Barata.

Desejamos-lhe pronto e rápido restabelecimento.—C.

algun tempo na companhia de sua família, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Simões Dias, empregado na panificação de Lisboa.

—De Lisboa também acabam de chegar a Angeja onde tencionam passar 90 dias na sua habitação da rua do Cabeço, o nosso estimado assinante sr. António Nunes das Neves e sua dedicada esposa sr.^a D. Rosinda Nunes das Neves.

—Ainda em Angeja, e vindos da mesma capital cumprimentamos ali na noite de N. Senhora das Neves, os nossos amigos e assinantes srs. Manuel Rodrigues Teixeira Benção, José Maria da Silva Godinho, sua esposa e filha, João Rodrigues Miranda, Manuel Maria Tavares da Silva, António da Silva Valente, Avelino Tavares da Silva, Jorge da Silva Pinho, António Simões Pinto, José Simões Pinto e Joaquim da Silva Valente.

—A Cacia também chegaram à dias de Lisboa onde é conceituado industrial de padaria o nosso estimado conterrâneo e assinante sr. José Lopes de Matos sua esposa e família.

—Encontram-se em Angeja, a passar alguns dias, a sr.^a D. Amélia de Sousa Baptista, estremosa esposa do nosso amigo sr. Ernesto Baptista, e os seus filhos Londrim e Ernesto, applicados estudantes seminaristas.

—Na Quinta, também estão a passar algum tempo na companhia de sua família o nosso amigo de infância e assinante sr. António Pereira Bastos e sua esposa sr.^a Emilia Simões Bastos, industriais em Lisboa.

—Também vindos de Evora, onde é industrial de padaria, estão em Angeja e Sarrazola os nossos amigos e assinantes, respectivamente srs. R.úl de Azevedo e António Rodrigues Sapateirinho.

RETIRADAS

Com destino a Alhandra, onde se foi empregar na Padaria Invieta, retirou-se da Póvoa no dia 4 o nosso prezado amigo e assinante sr. Fernando Nunes de Oliveira, que nos deu a honra de sua despedida.

—Para Lisboa, após 3 dias de estada em Cacia, retirou-se no passado domingo e no rápido da manhã o nosso amigo e assinante sr. José Rodrigues Branco.

—Também para a mesma cidade e no referido dia seguiu no correio o nosso estimado assinante sr. António Lopes de Oliveira.

—Ainda para Lisboa, seguiu à dias o nosso prezado amigo e assinante sr. José Maria Marques Pardiniha, onde se foi empregar na panificação.

—Para Espinho foi na última semana o nosso assinante sr. David da Silva Simões.

A todos uma boa viagem.

EM VERANEIO

Acompanhados de suas dedicadas esposas e mais família, chegaram a Avanca na última semana, onde vão estar Agosto e Setembro, os nossos prezados amigos de infância srs. Manuel Dias Justino e Alípio Dias da Cunha, o primeiro dos quais já seguiu para as Pedras Salgadas a fazer uma cura com as águas daquelas terras; o qual nos promete visitar-nos no seu regresso.

Cá os esperamos na nossa e sua terra.

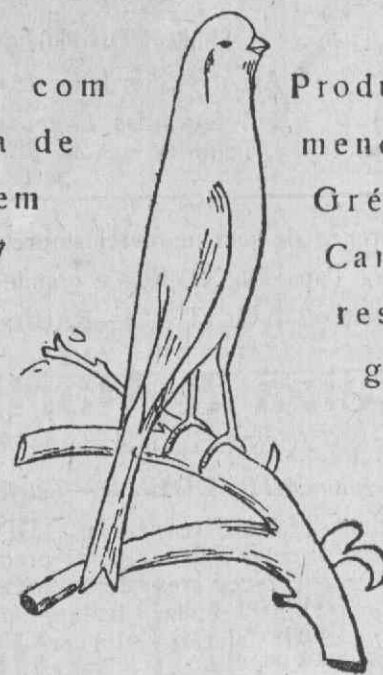
EXAME

Com uma linda distincção e num dos Colégios de Setubal fez dois exames de 3.^a e 4.^a classe, respectivamente nos dias 1 e 30 de Julho passado a simpática menina Maria Alice Dias de Sousa, filha quando do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Nunes de Sousa e de sua esposa sr.^a Maria da Luz Dias

Alimentação especial

PARA Canários

Premiada com
medalha de
ouro em
1937



Producto recomendado pelo
Grémio dos
Canaricultores
Portuguêses.

Descontos especiais aos
revendedores.

Ferreira Júnior

(Canaricultor)

Avenida Almirante Reis, 178, 2.^o-Dt.^o

LISBOA ==== Marca Registada

de Sousa, estimados industriais de panificação naquela localidade.

Foi professora da applicada aluna a menina Cremilde da Luz Pereira, para quem, apesar de não conhecer, vão as nossas felicitações, porque demonstrou bem a destreza que empregou com os seus alunos.

Em Setubal, uma professora dentro do mês de Julho apresentou uma aluna a fazer os exames de 3.^a e 4.^a classe com distincção. Em Cacia...

EXCURSÃO

É esperado em Cacia no próximo dia 21 à tarde um grupo de 32 excursionistas «Os Fizes da Barquinha» de que também faz parte o nosso estimado conterrâneo e assinante sr. Manuel Dias Quaresma conceituado industrial de panificação na Barquinha, que depois de visitar algumas paisagens do nosso rio Vouga, seguiu para o Porto, Viana do Castelo e Ponte de Lima; regressando no dia 24 por Vizeu ao ponto de partida.

Aguardamos, pois, os 32 «Fizes da Barquinha».

NA REDACÇÃO

Em visita ao nosso Director, estiveram há dias na nossa Redacção vindos de Angeja onde se encontram em goso de licença, os nossos prezados assinantes e amigos srs.: Manuel Maria Tavares da Silva, António da Silva Valente, Avelino Tavares da Silva, Jorge da Silva Pinho, António Simões Pinto, José Simões Pinto, Joaquim da Silva Valente, Atalibio Ribeiro da Fonseca, R.úl de Azevedo e António Rodrigues Sapateirinho.

CASAMENTO

Após 80 anos de idade, resolveu fazer o seu enlace matrimonial, o fundador do ex-«Journal de Cacia» sr. Veráncio da Silva sr.^a Maria Teixeira Maia. Aos noivos os nossos parabéns.

Vende-se

a 2 quilómetros de Cacia e Taboira, na Quinta da Menesca, em Esgueira, uma propriedade com a área aproximada de 40.000 m². Facilita-se o pagamento. Informa José Grijó—rua Cega (1) ARADAS

Necrologia

Rosa dos S. Maia Amaro

Com a idade de 88 anos, faleceu no lugar da Preza, freguesia de Nossa Sr.^a da Glória (Aveiro), no dia 3 do corrente a sr.^a Rosa dos Santos Maia Amaro, viúva de Jerónimo Gonçalves Amaro, falecido há 6 anos.

O funeral da extinta senhora que se realizou no dia 4 pelas 5 horas da tarde, foi uma verdadeira homenagem de pesar; pois além de muito povo, incorporaram-se duas irmandades: Santíssimo Coração de Jesus e Almas; 3 sacerdotes etc.

No mesmo foram organizados 6 turnos, o último dos quais foi feito por alguns dos filhos que acompanharam sua mãe à última jornada.

Rosa dos Santos Maia Amaro, que no geral era muito estimada, era mãe dos nossos prezados amigos: António, Manuel, Francisco, José, Paulo, Brigida e Maria Gonçalves Amaro; para quem vão os nossos sentidos pésames. Ao primeiro dos quais, belém assinante e residente em Belém (Lisboa), abraçamos cordealmente.

Vai a Lisboa?

Vive em Lisboa?

VISITE

a acreditada Leitaria «A Mardrugada», rua dos Cavaleiros, 102, para apreciar o esmerado serviço de pastelaria e bôlos, café, cacau, chá, sanduiches de diversas qualidades, frutas, vinhos finos das melhores marcas e o afamado vinho tinto. Terá ocasião de levar para a família um delicioso presente, que será a alegria do seu lar. Experimente e não se esqueça do n.^o 102 da rua dos Cavaleiros!

Guilherme Marques.

CORRESPONDÊNCIAS

Pelo facto de no presente n.^o termos falta de espaço, ficam-nos para a próxima semana as correspondências de: Matadões, Angeja, Laboira, Vilarinho e Póvoa e Paço. Que nos desculpem os nossos correspondentes e leitores.



Companhia de Seguros

A NACIONAL

Soc. An. Resp. Lim. — Capital
1:224 Contos Reservas em 1937
34:000 Contos

SEDE NA SUA PROPRIEDADE:

Av. da Liberdade, 18—LISBOA
Telegramas Lanoican
Telefone n.º 24784O receptor europeu de som maravilhoso preferido por:
Sua Santidade o Papa Pio XI, Reis e grandes maestros
e cantores. CENTRUM—RADIO

J. Vieira & Martins

AGENTES GERAIS

R. da Torrinha, 9-11—PORTO—Telef. 7786

Lâmpadas, Condensadores, Resistências, TUDO para T.
S. F. (Importação directa) Aos melhores preços. *Reparações*
garantidas de receptores de todas as marcas. *Ampliações*
Sonoras para festas, bailes, conferências,
concertos, etc.—Instalação—Aluguer—VendaO receptor americano que triunfa em todo o mundo, sem
precisar de se elogiar com frases aparatosas e muitos
adjectivos. ANDREA—RADIO

Empresa Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL
Agente no Norte do País *Guilherme M. Coelho*
RUA DA VITÓRIA, 56 — PORTOEsta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de
impressão em cores e preto, massas para rolos e vernizes
tipo-litográficos

BICICLETAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

12 prestações mensais
e iguaisPeçam tabelas dos novos
preços

Pneus MICHELIM.

ARMANDO CRESPO

116, R. do Crucifixo — Telef. 27027 — LISBOA

Pensão Avenida

de—BRUNO DA ROCHA

Explendidas e higiênicos quartos. Armazem de
mercearia e cereais por junto e a retalho
Largo da Estação—AVEIRO — Telef. 128

MOBÍLIAS

O maior sortido, os mais
lindos modelos, para todos
os gostos e para todos os
preços.Officinas de mercenaria,
colchoaria estofador e repa-
rações.Novos modelos para 1938
Pilot-Rádio, o melhor receptor americano
Olympia-Rádio, uma maravilha da
técnica alemã.Aparelhos para todas as
Ondas
Correntes
*Bolsas*Vendas a prestações com direito a prémio pela lotaria,
podendo o aparelho ficar vosso logo à primeira prestação.Precisais comprar? *Cutininho das Móveis*
Só no
Avenida Visconde de Salreu — ESTARREJA

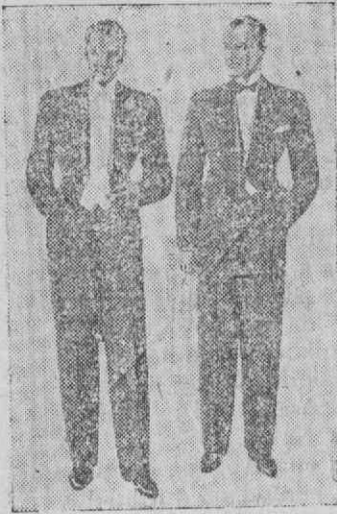
Casa dos Linhos

Importadora de algodão em rama
de todas as origens660, R. Fernandes Tomaz, 664 — PORTO
Telef. 4021 Casa fundada em 1860 Teleg. FarleaLinhos nacionais e estrangeiros em todas as larguras
Atalhados em todos os géneros
Bordados da Ilha da Madeira.

Artigos para bordar — Rendas para altares e Albas

Enviem-se amostras para a província e ilhas

Vendas por junto e a retalho



Alipio Monteiro

Alfaiate

Executa com per-
feição todos os
trabalhos da
especialidade pa-
ra militares e civis.

Preços módicos

R. dos Anjos, 80-1.º

Telef. 46057

LISBOA

PADARIAS

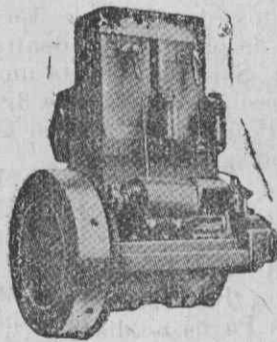
Amassadeiras mecânicas simples, praticas
e económicas, Divisoras, Portas para
fornos, Cilindros e todas as máquinas
para a industria de panificação.Motores eléctricos, Bombas centrifugas,
Trasfega e de todos os sistemas
e para todos os fins.

Preços e detalhes consulte o representante:

A. J. d'Almeida

R. Almirante Pessanha, 7-2.º

LISBOA—(Ao Carmo)—Telef. 26858

Vendas a pronto e a prestações
de 3, 6 e 12 meses.

"JUNG"

O Motor Diesel — Orgulho da
mecânica AlemãSIMPLES EFICIENTE
ECONÓMICO

para:

Indústria Agricultura
Navegação.

REPRESENTANTES

Armando Pinto & Irmão

R. Santa Catarina, 17-1.º — PORTO

Teleg. Api — PORTO

Telef. 5884

E' UM DEVER

De toda a pessoa que se presa ser econômi-
ca adquirir os seus tecidos de lã na:

UNIÃO DE FABRICANTES

Enviem-se amostras grátis COVILHÃ
Descontos a revendedores

HERPETOL

Para as doenças de pele

Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de co-
çar passou. A comichão desaparece como por encau-
to. A irritação é dominada, a pele é refrescada e ali-
viada. Os alívios começaram. Medicamento por exce-
lência para todos os casos de eczema, humido ou
seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.
A' venda em todas as farmácias e droguarias
Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd.
Rua da Prata, 237 — LISBOACIMENTITE EVITA A HUMIDA-
DE E O SALITRE

CASA AMARO

R. de Santos Pousada, 127 e 129—Telef 668—PORTO

Moveis e Decoracões

DA FABRICA Alfredo F. da Costa & Filho

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque
não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos
mais baixos preços. Vendas directas ao público.R. Militão Barbedo, 701—Marquez de Pombal
Telefone 2640 PORTO

Um bom tecido é três vezes mais económico

pois dura três vezes mais

Peça amostras dos tecidos da minha casa e verificará
que à mais alta qualidade se alia o melhor bom
gosto e a modicidade de preços.

José Tavares Serra — COVILHÃ

Está noiva?...

Não sabe onde deve comprar o seu enxoval?...
Não hesite. O nosso armazem fornecer-lhe-á, aos mais
módicos preços as melhores qualidades de panos fa-
mília para lençóis. Colchas, cobertores etc.

Na impossibilidade de nos visitar, peça amostras.

Mattos & C.ª Ld.ª VILA NOVA DE GAIA

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das forças perdidas. Um
cálice deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA

LANIFÍCIOS

Viúva de Jerónimo Matos Pintasilgo

A casa mais conhecida em todo o país que mais barato
vende. Se lhe interessa comprar um fato, sobretudo, ga-
bardine, vestido ou casaco, peça amostras do que pre-
tende, que lhe serão enviadas na volta do correio sem dis-
pendio algum para o Ex.º cliente.

VIÚVA DE JERÓNIMO PINTASILGO — COVILHÃ

GRANDE SERRALHARIA

João Bolais Monica

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de ser-
ralharia, tais como: moinhos de água, vento
e gado, carros volantes, etc. etc.

Oficina de Fogo de Artificio

de—José Soares Calçada

Tarei de Souto—Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais arif-
ticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc, etc.

Armando Simões

MÉDICO

Doenças dos Órgãos Genitais, Urinários,
Partos e Clínica GeralConsultas todos os dias em Aveiro, e em Cacia as con-
sultas são às terças, quintas e sábados, das 9 às 11, na
Rua Luís de Camões. Chamadas pelo telef. 195

VINHO DO PORTO

Rainha Santa

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:

Rodrigues Pinho

A' venda em toda a parte. — GAIA — PORTO

Muito Dinheiro

CASA "A FERMELA"

Só o tem quem jogar na
casa das sortes grandes de
José Pedro, R. do Ouro 203
LISBOAE' nesta casa que se vende
os melhores vinhos da nos-
sa região.

R. Manuel Bernardes, 76 — Lisboa